

SAMOYAUULT, Tiphaine. *Traduction et violence*. Paris: Seuil, 2020. (Fiction & Cie).

Gong Li Cheng

Universidade Federal do Paraná (UFPR) | Curitiba | PR | BR
maromiwang@gmail.com
<http://orcid.org/0000-0003-0250-8505>

Em um futuro próximo, de acordo com Tiphaine Samoyault, não será mais preciso aprender uma língua estrangeira para ir ao encontro dos outros, pois a tecnologia fará a chamada tradução informatizada para nós. Neste caso, podemos até continuar a discutir sobre tradução, mas apenas para comparar os méritos entre uma tradução manual e uma informatizada. A mutação encabeçada pela eficácia crescente dos algoritmos é, segundo a autora, econômica e cognitiva. A tecnologia multiplica a quantidade de tradução produzida no mundo, acentuando as desigualdades da representação das línguas e acelerando o desaparecimento das mais frágeis entre elas. Do ponto de vista cognitivo, a tecnologia transforma o trabalho do tradutor, colocando-o a serviço da correção ou da verificação e não mais da proposição ou do ‘achado’ (*la trouvaille*). É um modo de tradução que encarna a pretensão à equivalência, à transparência e à substituição.

Para pensar a transformação das relações que esse desenvolvimento da tradução assistida por computador implica, é preciso cessar de pensar a tradução como uma operação exclusivamente positiva de acolhimento do estrangeiro ou da aprendizagem dos outros pela língua deles. É preciso cessar de fazer o elogio ou de ver simplesmente nela o espaço do encontro entre as culturas e as diferentes maneiras de pensar. A tradução pode se tornar também a principal ferramenta da caminhada em direção a um mundo isolado, onde cada um se aproxima do outro apenas pelo aparelho de tradução simultânea¹ (Samoyault, 2020, p. 10, tradução nossa).

A obra de Tiphaine Samoyault parte justamente da constatação de que a tradução é geralmente percebida como um processo positivo, uma garantia de abertura e de acesso aos outros. Incentivada pelas mais altas autoridades políticas (União Europeia, UNESCO), ela celebraria a diversidade, facilitaria a comunicação entre pessoas de diferentes partes do mundo e promoveria a compreensão e o respeito mútuos. O próprio discurso acadêmico sobre a tradução favorece a positividade do gesto: pode ser o revelador da verdade para Gadamer; sinônimo

¹ “Pour penser la transformation des relations que ce développement de la traduction assistée par ordinateur implique, il faut cesser de penser la traduction comme une opération exclusivement positive d’accueil de l’étranger ou d’apprentissage des autres par leur langue. Il faut cesser de faire l’éloge ou de voir simplement en elle l’espace de la rencontre entre les cultures et les différentes façons de penser. La traduction peut devenir aussi l’outil principal de la marche vers un monde isolé, où chacun n’approche l’autre que par le petit bout de l’oreillette”.



do pensamento em Benjamin; hospitalidade para Berman ou Ricœur; e também o garantidor da pluralidade para Cassin (Samoyault, 2020, p. 17). Diante de tanto otimismo, *Traduction et violence* se propõe a compreender os mecanismos de dominação inerentes à tradução. Por meio de um exame detalhado de vários casos históricos, a pesquisadora destaca as formas de violência que a tradução engendra ou acompanha. Nas palavras da autora, trata-se de “devolver à tradução seu potencial de negatividade ativa”² (Samoyault, 2020, p. 11, tradução nossa).

Samoyault identifica dois polos em que a negatividade se manifesta: em primeiro lugar, nos processos históricos (que ela denomina antagonismos históricos), quando a língua desempenha um papel importante na lógica da dominação, isto é, nas relações que ela acredita estabelecer, nos contextos de colonização e conquista, nos espaços fronteiros, em zonas de guerra, desencadeando, frequentemente, mal-entendidos; mas também no próprio ato de traduzir (antagonismos internos). O primeiro dos antagonismos internos conduz à rejeição pura e simples da tradução: é a perspectiva que distingue entre traduções boas e ruins (Samoyault, 2020, p. 42). Samoyault critica Henri Meschonnic como o maior defensor da ideia de que há a boa e a má tradução, sendo que a boa tradução seria a que deixa de ser uma tradução propriamente dita, que funcionaria como uma obra original. O teórico sacraliza o texto original e torna muitas traduções nulas e sem efeito, julgadas à luz de um texto original supostamente perfeito e intraduzível.

A pesquisadora coloca em questão precisamente a “mística do intraduzível”³ (Samoyault, 2020, p. 46, tradução nossa) que impõe uma diferença de valor entre o texto de partida e o texto de chegada, ao recordar o caráter imperfeito e excludente de toda tradução. Esta violência linguística imanente à tradução, que Samoyault descreve como “tradução agônica”, no terceiro capítulo (“Traduction agonique”), fazendo eco à filósofa Chantal Mouffe, não é exercida a nível puramente formal, mas também a nível semântico e hermenêutico. Na medida em que a igualdade das línguas não significa a identidade dos sistemas de expressão, e que “a equivalência é justamente o que é impossível”⁴ (Samoyault, 2020, p. 57, tradução nossa), qualquer tradução está fadada a distorcer o texto original. A tradução exerce, por conseguinte, uma ‘dupla violência’ (*La double violence*): uma alimenta os processos de apropriação cultural, a outra interfere inevitavelmente em qualquer ato de tradução, ambas arriscando sempre nivelar as diferenças.

A violência é inerente ao ato de tradução (em vários níveis: para o texto a ser traduzido, para o tradutor, para a língua do texto traduzido) e a violência ligada ao fato de que a tradução acompanha situações de violência histórica passadas ou atuais é, neste caso, inegável. Um conflito é quase sempre acompanhado de um problema de tradução, ainda mais quando, em um contexto globalizado, as armas, a propaganda, os discursos implicam a reunião de várias nações e de várias línguas. Após o 11 de setembro de 2001, as instituições estadunidenses responsáveis pela segurança tiveram dificuldade em recrutar especialistas competen-

² “[...] redonner à la traduction son potentiel de négativité active”.

³ “mystique de l’intraduisible”.

⁴ “[...] l’équivalence est justement ce qui est impossible”.

tes para decodificar a massa de documentos em árabe que chegava para eles⁵ (Samoyault, 2020, p. 61, tradução nossa).

As múltiplas formas de separação que a tradução implica poderiam ser suficientes para invalidá-la de uma vez por todas. Porém, parece que essa negatividade é também sua força vital. O exemplo do uso da tradução em contextos de totalitarismo e o da tentativa de Primo Levi de traduzir Dante em Auschwitz fornecem dois casos em que a tradução deixa de ser um veículo de conflito e se torna um meio de resistência. Esse exemplo, no capítulo “La traduction dans les camps”, é um ponto crucial: e se a tradução pudesse, de alguma forma, encontrar um remédio em seu próprio mal? A esse respeito, o título do livro é um pouco enganador, pois o objetivo de Tiphaine Samoyault não é simplesmente o de apontar a violência latente em todo ato de tradução, mas também, e acima de tudo, estabelecer as bases de uma política da tradução, “para que o que separa seja também o que repara”⁶ (Samoyault, 2020, p. 107, tradução nossa). Se toda tradução é imperfeita e sempre conterà um “resto injusto”, é também porque ela preserva a incompreensão parcialmente inscrita em toda relação com o outro.

Portanto, há um elemento de incerteza em qualquer tentativa de tradução. A tradução crioula de Proust feita por Guy Régis Jr. é um exemplo de um encontro imprevisível: sua versão abre o texto para a oralidade crioula, levando-o “a uma espécie de território proibido e novo”⁷ (Samoyault, 2020, p. 140, tradução nossa). A transição de uma língua para outra aqui é uma surpresa. Um desvio, passando por Deleuze e Derrida, permite que Guy Régis Jr. apoie essa visão da tradução como uma experiência limítrofe capaz de elaborar constantemente novas possibilidades. Essa ética tem muito a ver com política, pois há uma tentativa de estabelecer mundos compartilhados. O capítulo “Traduction et communauté” reexamina várias tentativas críticas, de Antoine Berman a Lily Robert-Foley, de pensar em formas de tradução que não mais esmagariam o outro sob o peso do si mesmo. A autora conclui que a tradução, ao contrário do texto literário, sempre terá dificuldade em criar um povo.

Encaminhando-se para o final, *Traduction et violence* convida o leitor a abrir o pensamento sobre tradução para outros campos das Ciências Humanas. Os estudos de gênero, por exemplo, têm uma contribuição: identificada como “procriação”, a tradução pode ser pensada como a operação de uma genitora, convidando a reconsiderar a relação entre o texto original e sua extensão para outro idioma por meio da metáfora do parto. O último capítulo, “Un tournant sensible”, convida o leitor a imaginar traduções capazes de restaurar as formas sonoras e visuais do texto original. Como o efeito de um texto sobre o leitor não pode ser reduzido ao significado do discurso que ele contém, o objetivo é conceber uma tradução capaz de “adicionar significados à remoção de significado”⁸ (Samoyault, 2020, p. 181, tradução nossa).

⁵ “La violence inhérente à l’acte même de la traduction (à plusieurs niveaux : pour le texte à traduire, pour le traducteur, pour la langue du texte traduit) et la violence liée au fait que la traduction accompagne les situations de violence historique passées ou actuelles sont donc indéniables. Un conflit est presque toujours accompagné d’un problème de traduction, d’autant plus lorsque, dans un contexte mondialisé, les armées, la propagande, les récits impliquent la réunion de plusieurs nations et de plusieurs langues. Après le 11 septembre 2001, les institutions états-uniennes responsables de la sécurité ont eu du mal à recruter des spécialistes compétents pour décoder la masse de documents en arabe qui leur arrivait”.

⁶ “Pour ce qui sépare soit aussi ce qui répare”.

⁷ “[...] une sorte de territoire interdit et neuf”.

⁸ “[...] adjoindre les sens à la levée du sens”.

Afastar-se da mensagem *stricto sensu* em favor da mímica fônica ou gráfica é um primeiro passo; é um passo que alguns membros do Oulipo, principalmente Jacques Roubaud, tentaram. Além dessas tentativas isoladas, a pesquisadora preconiza um horizonte de análise mais amplo, com um interesse particular no estudo da comunicação animal: a atenção dada a todas as formas de sensibilidade poderia, assim, levar a redefinir a tradução como um convite para ouvir sem necessariamente entender.

Esse chamado à escuta conclui o livro de Tiphaine Samoyault, que começa com uma crítica à falsa positividade da tradução, veiculada por um discurso oficial etnocêntrico, e, por fim, propõe uma maneira de pensar sobre a tradução que é capaz de transformar a discordância em uma ética de vigilância e escuta. Como a tradução é um ato fundamentalmente transitivo, voltado para o outro, ela sem dúvida constitui um baluarte contra a indiferença, contra o mutismo ou, nas palavras de Martin Rueff, “contra as cinzas”⁹ (Rueff, 2006, p. 173 *apud* Samoyault, 2020, p. 15, tradução nossa).

Referências

SAMOYAULT, Tiphaine. *Traduction et violence*. Paris: Seuil, 2020. (Fiction & Cie).

⁹ “contre les cendres”.